

Os Antípodas de Ida e Volta

... para não cair nos erros em que estiveram os antigos Philósofos, que julgaram não haver Antípodas.

Diccionario de Autoridades
(Padre ALONSO DE OVALLE)

Bombaim

Em 1951 eu vivia em Paris. Tinha um emprego modesto na embaixada do México. Viera há seis anos, em dezembro de 1945; a mediania da minha posição explica que não me tivessem mandado, como era o costume diplomático, ao fim de dois ou três anos para um lugar noutra cidade. Os meus superiores tinham-se esquecido de mim e eu, cá por dentro, só lhes agradecia. Tentava escrever, e sobretudo explorava essa cidade que será talvez o exemplo mais belo do génio da nossa civilização: sólida sem ser pesada, grande sem gigantismo, agarrada à terra mas com apetência para o voo. Uma cidade onde a medida rege com o mesmo poder, suave e inquebrantável, os excessos

do corpo e os da cabeça. Nos seus momentos mais felizes — uma praça, uma avenida, um conjunto de edifícios — a tensão que a habita resolve-se em harmonia. Prazer para os olhos e para a mente. Exploração e reconhecimento: nos meus passeios e caminhadas descobria lugares e bairros desconhecidos mas também reconhecia outros, não vistos mas lidos em romances e poemas. Paris, para mim, era uma cidade, mais que inventada, reconstruída pela memória e pela imaginação. Frequentava alguns amigos e amigas, franceses e de outras partes, nas suas casas e sobretudo em cafés e em bares. Em Paris, tal como noutras cidades latinas, vive-se mais nas ruas do que nas casas. Uniam-me aos meus amigos afinidades artísticas e intelectuais. Vivia imerso na vida literária daqueles dias, misturada com ruidosos debates filosóficos e políticos. Mas a minha secreta ideia fixa era a poesia: escrevê-la, pensá-la, vivê-la. Agitado por muitos pensamentos, emoções e sentimentos contrários, vivia tão intensamente cada momento que nunca me ocorreu que aquele género de vida pudesse mudar. O futuro, ou seja: o inesperado, esfumara-se quase totalmente.

Um dia o embaixador do México chamou-me ao seu gabinete e, sem dizer palavra, mostrou-me um telegrama: nele se ordenava a minha transferência. A notícia perturbou-me. E mais, magoou-me. Era natural que me mandassem para outro sítio, mas era triste deixar Paris. A razão da minha transferência: o governo do México tinha estabelecido relações com o da Índia, que acabava de conquistar a sua independência (1947) e propunha-se abrir uma missão em Deli. Saber que me destinavam para esse país sempre me consolou um pouco: ritos, templos, cidades cujos nomes evocavam histórias insólitas, multidões heterogêneas e multicolores, mulheres de movimentos de felino e olhos escuros e cintilantes, e santos, mendigos... Nessa mesma manhã fiquei também a saber que a pessoa nomeada como

embaixador da nova missão era um homem muito conhecido e influente: Emilio Portes Gil. Com efeito, Portes Gil tinha sido presidente do México. O pessoal, além do embaixador, seria composto por um conselheiro, um segundo secretário (eu) e dois chanceleres.

Porque me escolheram a mim? Ninguém mo disse e nunca consegui sabê-lo. No entanto, não faltaram indiscretos que me deram a entender que a minha transferência obedecia a uma sugestão de Jaime Torres Bodet, na altura diretor-geral da Unesco, a Manuel Tello, ministro das Relações Exteriores. Parece que a Torres Bodet o incomodavam algumas das minhas atividades literárias e que lhe desagradara a minha participação, com Albert Camus e María Casares, numa cerimónia destinada a recordar o início da guerra de Espanha (18 de julho de 1936), organizada por um grupo mais ou menos próximo dos anarquistas espanhóis. Embora o governo do México não mantivesse relações com o de Franco — em contrapartida, exceção única na comunidade internacional, havia um embaixador mexicano acreditado junto do governo da República Espanhola no exílio — Torres Bodet achara «impróprias» a minha presença naquela reunião político-cultural e algumas das minhas expressões. Confesso que nunca pude verificar a verdade acerca deste assunto. Custar-me-ia caluniar Torres Bodet. Separaram-nos algumas diferenças mas sempre o estimei, como pude demonstrar no ensaio que dediquei à sua memória. Foi um mexicano eminente. Mas tenho de confessar também que o boato não era implausível. Além de nunca ter sido santo da devoção do senhor Tello, anos depois ouvi o próprio Torres Bodet, durante um jantar, fazer uma curiosa confidência. Falava-se dos escritores na diplomacia e ele, depois de recordar os casos de Reyes e de Goro-tiza no México, e os de Claudel e Saint-John Perse em

França, acrescentou: porém, deve-se evitar a todo o custo que se juntem dois escritores na mesma embaixada.

Despedi-me dos meus amigos. Henri Michaux ofereceu-me uma pequena antologia do poeta Kabir, Krishna Riboud uma gravura da deusa Durga e Kostas Papaioannou um exemplar do *Bhagavad Gita*. Este livro foi o meu guia espiritual no mundo da Índia. A meio dos meus preparativos de viagem, recebi uma carta do México com instruções do embaixador: marcava-me encontro no Cairo para que daí, com o resto do pessoal, nos metêssemos em Port-Said num barco polaco que nos levaria a Bombaim: o *Battery*. Estranhei a notícia: o normal seria apanhar o avião direto de Paris para Deli. Contudo, alegrei-me: daria uma vista de olhos ao Cairo, ao seu museu e às pirâmides, atravessaria o Mar Vermelho e visitaria Adem antes de chegar a Bombaim. Já no Cairo o senhor Portes Gil disse-me que mudara de ideias e que seguiria para Deli por via aérea. Na realidade, como vim a saber depois, queria visitar alguns lugares no Egito antes de tomar o voo para Deli. No meu caso era demasiado tarde para mudar de planos: teria de esperar algum tempo para que a companhia de navegação aceitasse reembolsar a minha passagem e eu não tinha dinheiro disponível para pagar o bilhete do avião. Decidi embarcar no *Battery*. Eram os últimos dias do governo do rei Faruk, os distúrbios eram frequentes — pouco depois ocorreu o incêndio do célebre hotel Shepherd — e a rota entre o Cairo e Port-Said não era segura: a estrada havia sido cortada várias vezes. Viajei até Port-Said, na companhia de mais dois passageiros, num automóvel que levava arvorada a bandeira polaca. Fosse devido a esta circunstância ou a outra, a viagem decorreu sem incidentes.

O *Battery* era um barco alemão dado à Polónia como compensação de guerra. A travessia foi agradável embora a monotonia da paisagem ao atravessar o mar Vermelho por vezes

oprimisse o espírito: à direita e à esquerda estendem-se umas terras áridas e só levemente onduladas. O mar estava pardo-cento e quieto. Pensei: a natureza também pode ser aborrecida. A chegada a Adem rompeu a monotonia. Uma estrada pitoresca ladeada de altos penhascos leva do porto propriamente dito à cidade. Percorri encantado os bazares ruidosos, atendidos por levantinos, indianos e chineses. Internei-me pelas ruas e ruelas das imediações. Uma multidão bem matizada e colorida, mulheres veladas e de olhos profundos como a água de um poço, rostos anónimos de transeuntes parecidos com os que se encontram em todas as cidades mas vestidos à oriental, mendigos, gente em grande azáfama, grupos que riam e falavam em voz alta e, no meio de todo aquele gentio, árabes silenciosos, de semblante nobre e porte arrogante. Pendurada às suas cintas, a bainha vazia de um punhal ou uma adaga. Eram gente do deserto e desarmavam-nos antes de entrarem na cidade. Só no Afeganistão vi um povo com semelhante garbo e dignidade.

A vida no *Battery* era animada. A paisagem era heterogénea. A personagem mais estranha era um marajá de rosto monástico, rodeado de criados solícitos; obrigado por algum voto ritual, evitava o contacto com os estranhos e no convés a sua cadeira estava rodeada por uma corda, para impedir a proximidade dos outros passageiros. Também viajava uma senhora idosa que tinha sido a esposa (ou amiga) do escultor Brancusi. Ia à Índia convidada por um magnata admirador do marido. Acompanhava-nos igualmente um grupo de freiras, na maioria polacas, que todos os dias rezavam, às cinco da manhã, uma missa que celebravam os sacerdotes também polacos. Iam todas para Madrasta, para um convento fundado pela sua ordem. Embora os comunistas tivessem o poder na Polónia, as autoridades do barco fechavam os olhos à atividade das religiosas. Ou talvez essa tolerância fizesse parte da política governamen-